



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

A ESPECIFICIDADE DA ESCUTA PSICANALÍTICA DIANTE DO TRAUMÁTICO DO ABUSO SEXUAL

Maria Beatriz Bueno Domingues¹

Introdução

Tudo se resumia ferozmente em nunca dar um primeiro grito – um primeiro grito desencadeia todos os outros, o primeiro grito ao nascer desencadeia uma vida, se eu gritasse acordaria milhares de seres gritantes que iniciariam pelos telhados um coro de gritos e horror. Se eu gritasse desencadearia a existência – a existência de quê? A existência do mundo.

Clarice Lispector. *A paixão segundo G.H.*

O presente trabalho se propõe a abordar o traumático do abuso sexual, em seu caráter de excesso pulsional – uma vivência excessiva que inunda o psiquismo do sujeito – e, por isso, é um desafio à simbolização. Conduz à mudez e ao silenciamento por ser da ordem do insuportável e uma quebra de tabu (o tabu do incesto, indispensável à cultura) mas, por conter excesso, segue buscando elaboração por meio de suas repetições incessantes.

A relevância da psicanálise, nesse viés, provém de seu lugar enquanto teoria e prática que valorizam a escuta e a palavra. Na experiência de análise, a presença de alguém capaz de escutar o sujeito o possibilita construir uma narrativa a respeito daquilo que escapa à simbolização. Desta forma, a disponibilidade de um outro de escuta atenta tem papel fundamental de quebra de silêncio e instaura novas possibilidades para se lidar com o traumático: por sua elaboração, e não pela repetição.

¹ Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. E-mail: m.beatrizbd@gmail.com



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

Um importante nome neste ponto é Sándor Ferenczi, psicanalista húngaro e um dos grandes colaboradores de Freud, que teve o traumatismo como seu principal eixo de trabalho. Retoma a primazia do traumático, com o foco no trauma real e seus possíveis efeitos, inclusive em análise. É por esse viés, de levar em conta o trauma real, que o autor ganha aqui grande importância, em consonância com os objetivos do presente trabalho.

Objetivos

Este trabalho tem como objetivo abordar o caráter traumático do abuso sexual a partir da leitura de Sándor Ferenczi, articulando-a à breve apresentação de um caso clínico, e destacando a grande contribuição possível da psicanálise para a compreensão dos efeitos do abuso sexual na vida psíquica do sujeito que o sofreu.

Desenvolvimento do texto

Apresentação de caso: Juliana

Vinte e poucos anos, procura-me por se sentir extremamente triste e sem vontade de viver. Sua relação com a família é extremamente difícil e distante, “tanto minha mãe quanto meu pai me negaram teto quando eu mais precisei”. Os pais são separados desde que era pequena, e tem uma irmã mais velha a quem detesta e com quem mantém uma constante competição. Com cerca de dez anos, foi abusada sexualmente por seu professor, que a levou a um motel, pediu que tirasse a roupa e “fez o que quis”, dizendo “está gostoso, né?”. Juliana diz que só sentiu dor e nojo. No final, o professor disse a ela que ela poderia procurá-lo novamente, mas não poderia contar a seu pai, o que acabou não fazendo. Alguns meses se passaram até Juliana conseguir contar à mãe sobre o abuso. Quando pode fazê-lo, sua mãe reagiu com a pergunta “você quer ir ao



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

médico?"; Juliana respondeu que não, e o assunto nunca mais foi levantado. Ao pensar em seus relacionamentos amorosos, destaca que em todos eles, sem exceção, sofreu alguma forma de violência – através de proibições, xingamentos, chantagens e até mesmo violência física. Diz que somente se vê bem em um “passe de mágica”, caso encontrasse um “sugar daddy” que fosse seu companheiro, a amasse e ajudasse incondicionalmente. Como um outro pai, dessa vez capaz de cuidar dela com seu pênis-dinheiro, a satisfazendo sem restrições. Diz que o episódio de abuso ditou a lógica de suas relações posteriores, e se pergunta como escapar, se “meu passado fez quem eu sou hoje”. Respondo: “mas você ainda não pode se fazer?”.

Desenvolvimento teórico

Em seu último texto publicado, que precedeu uma morte precoce, “Confusão de língua entre os adultos e a criança” (1933/1992b), Ferenczi retoma o fator traumático na etiologia das neuroses e enfatiza sua origem exterior, especialmente do abuso sexual enquanto evento patógeno. Ou seja, as crianças são realmente abusadas com grande frequência. Retorna, assim, ao argumento de derrubada da neurótica freudiana: a impossibilidade de haver um número tão grande de pais abusadores (Freud, 1895/1976). A grande virada de Ferenczi (1933/1992b) é a afirmação de que os abusos, realmente, ocorrem, e tal questão não se resumiria à existência de fantasias edípicas infantis, apesar de não desconsiderá-las:

As seduções incestuosas produzem-se habitualmente assim: um adulto e uma criança amam-se; a criança tem fantasias lúdicas, como desempenhar um papel maternal em relação ao adulto. O jogo pode assumir uma forma erótica, mas conserva-se, porém, sempre no nível da ternura. Não é o que se passa com os adultos se tiverem tendências psicopatológicas, sobretudo se seu equilíbrio ou seu autodomínio foram perturbados por qualquer infortúnio Confundem as brincadeiras



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

infantis com os desejos de uma pessoa que atingiu a maturidade sexual, e deixam-se arrastar para a prática de atos sexuais sem pensar nas consequências (Ferenczi, 1933/1992b p. 116).

Está aí posta uma *confusão de línguas*: enquanto a criança investe no adulto com a língua da ternura, o adulto responde de forma erótica, na língua da paixão, diferente do que era esperado pela criança. A criança quer seduzir o adulto, clama por carinho e atenção, abraça e beija, mas espera que o adulto responda da mesma forma, com afetuosidade, na língua da ternura. Juliana diz que tinha grande carinho por seu professor, e acredita que eles tinham uma relação de proximidade. Se o adulto responde a esses investimentos pré-genitais no nível genital, língua da paixão, a criança é inundada por uma excitação de caráter excessivo, por ainda não estar preparada para recebê-la (Ferenczi, 1933/1992b). A confusão de línguas consiste, justamente, nesse encontro “da ternura infantil (a sexualidade pré-genital e lúdica) com a paixão do adulto (a sexualidade genital), que pode ir além da estimulação erótica precoce e excessiva do corpo infantil até uma relação genital completa” (Mendes & França, 2012, p. 125).

O adulto pode ser, para Ferenczi (1933/1992b), intoxicado pela paixão. Momentaneamente, o adulto está fora do jogo social e pode ler as investidas ternas da criança a partir dessa outra linguagem. Ao sumir a barreira que separa o infantil dessa sexualidade erótica e genital, a linguagem da paixão colide frente à linguagem da ternura. A confusão de línguas se dá com a codificação a partir da linguagem da paixão de algo que é da ordem da ternura (Ferenczi, 1933/1992b).

Para Ferenczi, quais seriam os efeitos desse tipo de encontro no psiquismo da criança? Escreve esse autor: “Seu primeiro movimento seria a recusa, o ódio, a repugnância, uma resistência violenta” (Ferenczi, 1933/1992b, p. 116-117), porém, tal movimento é inibido por um medo intenso da criança, sente-se sem defesas, depara-se com algo assim sem estar ainda preparada para reagir e, então, diante da autoridade dos adultos, cala-se, não pode



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

protestar. Tamanho é o medo desencadeado pela situação que a criança se obriga a submeter-se à vontade do agressor, obedecê-lo e deixar-se de lado. Juliana, realmente, nunca conta ao pai o que aconteceu. Sentiu que algo estava errado, mas acreditou que ela era a responsável por isso, que estava tão envolvida no ato criminoso quanto seu abusador. A criança se identifica ao agressor e, ao introjetá-lo, ele desaparece enquanto realidade externa e torna-se intrapsíquico. Uma vez introjetado, um conteúdo pode ser transformado delirantemente, de forma positiva ou negativa. Trazendo o agressor para dentro, a criança mantém-se na situação anterior de ternura (Ferenczi, 1933/1992b).

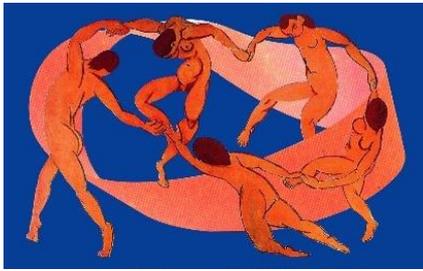
Nas palavras de Cromberg (2001/2012):

Há, portanto, uma cisão, que separa em duas partes: uma age como se não tivesse acontecido nada, mantendo a situação de ternura com o agressor e até exagerando-a obsessivamente, para que nada falte ao agressor, para que ele não fique com raiva. A outra parte age dentro, transformando-se no agressor internamente, à qual a outra parte está submetida. (p. 243).

Com a introjeção do agressor, a criança sobrevive, mas:

... a mudança significativa, provocada no espírito da criança pela identificação ansiosa com o parceiro adulto, é a introjeção do sentimento de culpa do adulto: o jogo até então anódino apresenta-se agora como um ato merecedor de punição (Ferenczi, 1933/1992b, p. 117)

O adulto era a autoridade, até então, que tinha a função de traçar limites e regras, inserir a criança nas relações de proibição, limitar as fantasias infantis. A criança ainda não está em condições de desconsiderar tal autoridade para tornar-se, ela mesma, a reguladora de seus limites, pois seu eu é frágil. A culpa do adulto determina o proibido e, introjetada, determina sua própria culpa. Quando Juliana busca a análise, diz se sentir sempre culpada, indigna de amor, alguém que não tem o direito a uma vida feliz, por já ter feito coisas ruins. Com esse eu frágil da criança, o mecanismo em jogo é a *clivagem* psíquica (Dal Molin, 2016).



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

Existe um outro aspecto do trauma desvelado por Ferenczi (1933/1992b), no qual ele não se aprofunda, mas que considero de grande destaque para o presente trabalho: a relação da criança que sofreu abuso sexual com um segundo adulto. Segundo Cromberg (2001/2012):

A falta de crença ou a não possibilidade de um contato íntimo com outro adulto que possa descarregar os ombros infantis de tamanho peso, promove um aprofundamento da clivagem produtora da identificação com o agressor, o que faz da criança um autômato em posição masoquista diante de um pai atormentado pela culpa que o transforma em um atormentador sádico (pp. 181-182).

Trata-se da assunção de uma posição masoquista, então, submetida ao agressor introjetado pela criança. A formação traumática vai além da confusão de línguas entre o adulto e a criança, e envolve esta outra dimensão, da impossibilidade de encontrar, em um segundo adulto, um canal de escuta da experiência, alguém que a ajude a elaborar o que lhe ocorreu. Isso porque a criança foi violada por uma experiência na qual ela não consegue ver sentido. Procura então um novo adulto, diferente do agressor, para ajudá-la na metabolização do ocorrido. Com um terceiro, um outro adulto não violento e de confiança, o nó da confusão de línguas poderia ser desfeito, a confusão amenizada e a culpa trabalhada.

Porém, pode haver um desvio nesse trajeto de atribuição de sentido: a criança narra o evento, e esse segundo adulto não escuta, possivelmente por uma reação de choque, não aceitação, negação. O segundo adulto, portanto, *desmente*. Desacredita da experiência da criança, e seu sofrimento é então negado e o acontecimento fica confinado a um espaço que não comporta palavras. É diante disso que a criança precisará encontrar meios de sobreviver, e sanciona a clivagem psíquica.



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

Para Dal Molin (2016), o descrédito, ou desmentido², é o que configura a formação traumática. O trauma na proposta de Ferenczi se dá em *dois tempos*: um primeiro, no qual ocorre a confusão de línguas e o evento violento, e um segundo, do descrédito de um outro adulto frente à narrativa da criança. Se esse segundo tempo não ocorre, o primeiro não tomará a mesma dimensão, não será desestruturante. Em seu Diário Clínico, Ferenczi desenha a formação traumática da seguinte maneira: o chamado “choque duplo” consiste em (1) trauma e (2) negação (Ferenczi, 1932/1988). A respeito da formação traumática, escreve Dal Molin (2016):

Sem dúvida, não é de uma nova teoria da sedução que fala Ferenczi, mas é isso que Freud e boa parte de seus ouvintes pensarão. Ressaltemos, aqui não há só sedução, mas sim paixão, descontrole, terrorismo e transformação da fantasia em realidade. (p. 216)

Juliana conta à mãe sobre a cena de abuso envolvendo seu professor, e ela reage levantando uma questão prática e desafetada relacionada ao ocorrido, perguntando a ela se ela gostaria de ir ao médico. Juliana responde que não, e o assunto nunca mais é tratado na família. Nunca contou ao pai sobre o que lhe ocorreu, mas, atualmente, diz ter certeza que ele sabe e renuncia o ocorrido, nunca dirá nada a respeito. Uma grande questão que permeia a análise de Juliana é o sentimento de ter sido abandonada pelos pais e de ser uma filha sem lugar no desejo deles. Repete o trauma do abuso inúmeras vezes, com outros homens, e se fixa numa posição de não-desejo, não-lugar, fadada ao sofrimento até que, num cenário ideal, seja acolhida por alguém que pode lhe proporcionar um amor ideal, cuidando dela e garantindo sua sobrevivência. Busca outros modelos paternos a partir dos relacionamentos com homens mais velhos, que a

² Para Kupperman (2016), na perspectiva ferencziana, o conceito de desmentido é uma releitura da negação freudiana, já que o termo original empregado em alemão é *Verleugnung*. Alguns comentadores preferem traduzir o termo *Verleugnung* por “desmentido”, outros por “descrédito”, e Kupperman (2016), adota o termo “desautorização”. No presente texto, preferimos o termo “desmentido” como tradução de *Verleugnung* na conceituação ferencziana, em concordância com os principais comentadores referenciados neste discussão, Dal Molin (2016) e Cromberg (2001/2012).



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

acolhem em suas casas. Busca, incessantemente, alguém que testemunhe seu sofrimento e que possa ouvir sobre seu passado.

Após o evento violento e a confusão de línguas, o sujeito busca ajuda no mundo externo para ligar a experiência disruptiva e, quando não a encontra, pode fixar-se nesse momento de tentativas iniciais de registro do ocorrido. Repete, portanto, a situação traumática que, na ausência de uma testemunha externa para o trauma, permanece confinada ao âmbito do indizível.

Encerro o presente trabalho com um retorno à trajetória de Juliana. O encontro com um terceiro que escutasse sua experiência acontece na análise, e ela conta o acontecimento traumático de abuso em duas sessões: uma primeira, na qual conta, na medida em que vai se lembrando, todos os detalhes e diálogos durante o ato sexual com grande minúcia, mas sem afeto; e uma segunda, quando não consegue dizer nada, somente chora. É a partir do encontro em análise que o trauma pode ganhar palavras e expressar-se mediante uma *testemunha* que a escuta, buscando outras ligações que não a da repetição do traumático em novas relações e com novos homens.

Se não há escuta, não há caminho possível para a palavra. Sem ganhar palavras que a integrem e signifiquem, a experiência é repetida. Dessa forma, a possibilidade de encontro com um terceiro de livre escuta ganha grande importância para que o sujeito ganhe novos recursos para lidar com o traumático. A psicanálise, nesse sentido, pode contribuir para que as crianças que passaram por experiências de abuso não sigam, necessariamente, os caminhos da identificação com o agressor e da repetição traumática.

Palavras-chave: Abuso Sexual; Escuta Psicanalítica; Repetição Traumática; Desmentido; Formação Traumática.

Referências

Cromberg, R. (2012) *Cena incestuosa*. 2 ed. São Paulo: Casapsi Livraria e Editora Ltda. (Original publicado em 2001).



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

Dal Molin, E. C. (2016) *O terceiro tempo do trauma: Freud, Ferenczi e o desenho de um conceito*. São Paulo: Perspectiva: Fapesp.

Ferenczi, S. (1988) *The clinical diary of Sándor Ferenczi* (J. Dupont, ed., M. Balint & N. Z. Jackson, trans.). Cambridge, MA: Harvard University Press. (Trabalho original escrito em 1932)

Ferenczi, S. (1992a). A adaptação da família à criança. In S. Ferenczi, *Psicanálise IV* (A. Cabral, trad., pp. 1-14). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original escrito em 1928)

Ferenczi, S. (1992b) Confusão de línguas entre os adultos e a criança. In S. Ferenczi, *Psicanálise IV*. (A. Cabral, trad., pp. 111-121) São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933)

Freud, S. (1976). Carta 69. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, J. Salomão trad., pp. 350-352). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895).

Kupperman, D. (2016, junho 23) A “desautorização” em Ferenczi: do trauma sexual ao trauma social [Blog] Recuperado de <http://www.freudiana.com.br/novidades/desautorizacao-em-ferenczi-trauma-sexual-ao-trauma-social-por-daniel-kupermann-2.html>

Mendes, A., & França, C. (2012). Contribuições de Sándor Ferenczi para a compreensão dos efeitos psíquicos da violência sexual. *Psicologia em Estudo*, 17(1), 121-130.